

Cultura, Imagem e Educação

Culture, Image and Education

Edite Volpato⁷

...estamos refletidos de algum modo nas numerosas e distintas imagens que nos rodeiam, uma vez que elas já são parte daquilo que somos.

(Mangel)

RESUMO: O presente artigo resume alguns aspectos de uma dissertação de mestrado, ainda em fase de elaboração; ele ressalta as diferenças entre a comunicação verbal e visual enfocando principalmente o papel da imagem e da cultura no processo educativo.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura; Imagem; Educação.

ABSTRACT: The present article summarizes some aspects of a dissertation, still in elaboration phase; it stands out the differences between the verbal and visual communication mainly focusing the paper of the image and the culture in the educative process.

KEY-WORDS: Culture; Image; Education.

1. Situando a Imagem na Cultura Contemporânea

Em qualquer época ou lugar, ao realizar suas manifestações sociais, todas as culturas produziram e produzem imagens. A partir desta afirmação, torna-se necessário inicialmente definir o sentido da palavra imagem. Lúcia Santaella¹, em seu artigo “Palavra, Imagem & Enigmas”, apresenta uma classificação de W. T. Michell onde o autor propõe cinco ramos da família imagem: gráfica, ótica, perceptiva, mental e verbal. Schafer², compositor e teórico canadense contemporâneo, ensina a música como se fosse uma paisagem sonora: linhas melódicas que “sobem” e “descem”, profundidade - primeiro

⁷ Com especialização em Arte-Educação – FUCRI/UNESC, 1993. Mestranda em Educação e Cultura – UDESC, 2003.

¹ SANTAELLA, Lucia. *Palavra, Imagem & Enigmas*. Revista USP. Dossiê Palavra, Imagem. nº 16. São Paulo: 1992-93.

²SCHAFER, Murray. *O ouvido pensante*. São Paulo: UNESP, 1991.

plano, segundo plano - e textura - mais, ou menos densa, de acordo com a quantidade de sons simultâneos em uma mesma melodia.

No entanto, neste trabalho, quando nos referimos a imagem, queremos tratar das composições visuais, elaboradas a partir de linhas, formas e cores, entre outros elementos constitutivos. Para maior clareza, é importante ainda acrescentar que chamaremos apenas de imagem àquelas bidimensionais, isto é, planas e sem movimento. Se nos referimos a obras e objetos tridimensionais, assim caracterizaremos a imagem; quando tratarmos de imagens animadas, como as de tevê, do cinema ou da informática, qualificá-las-emos como imagens móveis.

Durante o processo histórico, houve um crescimento significativo do uso de imagens, ocasionando o aparecimento de inúmeros pesquisadores que foram e são responsáveis pelo aprofundamento e desvelamento dos significados implícitos nas imagens. Muitos significados são característicos de cada sociedade, época e cultura. Assim sendo, para decodificá-las, é necessário que se tenha conhecimentos antropológicos e históricos, mais especificamente, etnográficos, para se saber a significação pretendida pelo sujeito criador naquele determinado espaço e tempo.

Neste sentido, a imagem pode ser considerada, tal como a linguagem verbal, um texto simbólico, isto é, em determinada cultura, socialmente se define o significado de um elemento ou forma, como por exemplo: uma cor, como vermelho, um conjunto de linhas, como uma cruz e, todos que comungam do conhecimento da significação a eles atribuída, fazem a sua leitura.

No momento presente, a semiótica visual concentra seus esforços para possibilitar o acesso à significação independentemente de se conhecer o significado estrito da imagem, convencionalmente socialmente. Deste modo, a semiótica visual amplia as possibilidades de significação, considerando os efeitos *de sentido* das imagens, mais abertos do que a significação de um sistema simbólico. Por este motivo, a semiótica visual considera as imagens como pertinentes a um sistema semi-simbólico.

Assim, verificamos duas classes de indivíduos diretamente relacionados às imagens: aqueles que produziram-nas e os que as estudam. Existe ainda uma classe um tanto mais rara: a dos que criaram imagens e, ao mesmo tempo, deixaram registradas, em textos verbais, reflexões sobre sua obra. Estes talvez tenham sido e sejam, os que mais

contribuíram para o estudo e compreensão das imagens. Como exemplos temos Da Vinci, Monet, Matisse, Klee, Kandinsky, para citar alguns, no reino das artes plásticas.

Mas, durante todo esse processo histórico, entraram e entram em contato com essas imagens uma classe ainda maior de indivíduos, talvez pelo simples fato de fazer parte do seu cotidiano, pela curiosidade, pelo prazer que proporcionam. Enfim, o que interessa nesse momento, é que o foco dessa pesquisa está direcionado exatamente a esses indivíduos: o leigo, o cidadão comum, o destinatário de tantas imagens.

Na nossa sociedade existe uma produção excessiva de imagens e como reflexo disto, surgem dificuldades tanto na criação, como na recepção da própria imagem. Com relação à criação, embora se diversifiquem e especializem os meios de produção da imagem, como a computação gráfica, há a dificuldade na busca da originalidade que identifica a imagem como única: aspecto fundamental tanto para a imagem artística quanto para a imagem estética, como a da publicidade, por exemplo.

O sentimento de que não há mais nada de novo para *inventar* é uma das causas do surgimento do Pós-Modernismo que Santos³ apresenta como um período onde o homem quer rir levemente de tudo. Encarna os estilos de vida e de filosofia nos quais viceja uma idéia de vazio, ausência de valores e de sentido para a vida. Daí o porquê de a arte contemporânea estar, às vezes, negando o que se tem entendido há séculos como arte; ou a presença do deboche, da ridicularização da arte tradicional através de citações e da dissociação da arte.

Quanto às dificuldades relacionadas à recepção, o problema maior talvez seja mesmo o da capacidade de seleção e leitura, diante da profusão de produtos imagéticos colocados à disposição do cidadão comum. Como exemplo, e desconsiderando a televisão e a publicidade que invadem os espaços urbanos, temos o espaço virtual da internet. Hoje, no meio virtual, tudo é *ponto com*⁴. Na internet, pode-se acessar as imagens relacionadas a todas as coisas do cotidiano: de receitas de culinária a pesquisas científicas e visitas a museus; da compra de livros à escolha de diversão; da visita a quartos de hotéis à procura de companheiros, sem contar com os questionáveis *sites* pornográficos.

Os veículos de comunicação espalham imagens de todos os tipos que, de certa forma, poluem a vida das pessoas.

³ SANTOS, J. Ferreira dos. *O que é Pós-Moderno?* 19ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2000.

⁴ Remetendo ao vocabulário da informática.

Será que esta invasão prejudica? Sobre este fato, há uma controvérsia entre duas posições antagônicas. Psicólogos, pedagogos, sociólogos e demais interessados na discussão dividem-se entre as teses da catarse e a da mímese. A tese da catarse, oriunda da Grécia antiga e depois retomada por Freud, defende a idéia que violências de qualquer tipo, vivenciadas através de um personagem, por exemplo, na televisão, faz com que o sujeito se liberte daqueles instintos, superando-o; quanto à tese da mímese, seus defensores acreditam que todos os modelos *negativos* apresentados através de imagens podem servir de modelo, sendo prejudiciais, portanto.

Outro fato preocupante é o de que as propagandas, os produtos lançados no mercado, nos imaginam antes de nós mesmos termos consciência de quem somos, de nos imaginarmos. Para interagir nesse emaranhado de dominação, o ser humano tem que saber decodificar as imagens para poder selecionar o que é relevante para si, a fim de formar seus valores éticos e para se situar diante da sua identidade cultural ou, corre o risco de ter a cultura do seu povo suprimida pelo avanço da *globalização*⁵ dos valores e a criação de uma *cultura universal*.

2. Imagem e Educação

E aí vem a questão primordial: de que forma a Educação tem trabalhado dentro de suas *disciplinas* ou no seu currículo, o estudo da cultura e das imagens? Uma resposta positiva e verídica dentro da realidade educacional brasileira, não é possível nesse momento.

Dentro das atribuições determinadas a cada disciplina, não se poderia responsabilizar somente uma pelo estudo de dois temas tão relevantes ao desenvolvimento e formação integral do ser humano. Também teria de ficar claro, que competência seria buscada por cada disciplina, ao explorar as imagens que compõem o cotidiano e a formação cultural dos indivíduos.

Estamos vivendo numa inflação de imagens e num momento histórico onde a globalização está desequilibrando os valores culturais em todo o mundo, logo a escolha do

⁵ Integração da economia e da cultura mundial.

ensino da arte como disciplina escolar para a realização dessa pesquisa é justificada. Mas, conforme ressaltado anteriormente, também é necessário o estudo da imagem para que não se perca o real objetivo do estudo.

Numa época onde muito se luta por uma educação significativa para o educando na sua sociedade, muitos pesquisadores debruçam-se em incansáveis pesquisas e apresentam propostas relevantes. Entre eles cito Hernández⁶ que, vindo de encontro com enfoque dessa pesquisa, defende a busca da *interpretação* como conteúdo central nessa relação entre imagem e cultura, trazendo a possibilidade de aproximação de todos os tipos de imagens, da capacidade de todas as culturas para produzi-las, no passado e no presente, com a finalidade de conhecer seus significados e de como elas afetam nossas visões sobre nós mesmos e sobre o universo visual em que estamos imersos. É através da *interpretação* que será possível estabelecer uma conexão entre a produção cultural e a compreensão pessoal.

Uma vez identificado o direcionamento da pesquisa, convém agora deixar claro dois dos conceitos que serão muito importantes no decorrer desse estudo: *imagem e cultura*.

Imagem é um termo que possui uma abrangência muito ampla e por isso faz-se necessária uma análise sob diversos enfoques que possam por sua vez, deixar mais claro e fácil o entendimento.

É com relação a imagem que diz Neiva Jr.:

... a imagem é basicamente uma síntese que oferece traços, cores e outros elementos visuais em simultaneidade. Após contemplar a síntese é possível explorá-la aos poucos; só então emerge novamente a totalidade da imagem. [...] entre a imagem e a língua verifica-se uma diferença básica: o número de elementos disponíveis para os atos lingüísticos é finito. Mais cedo ou mais tarde o ciclo estará completo e o falante repetirá os sons já emitidos. A imagem caracteriza-se por proliferar sem que haja um horizonte que limite sua ocorrência.(1986: p. 5-13)

Observa-se que existe o entendimento de imagem como um meio de comunicação, que pode transmitir uma mensagem de forma sintética ou não, dependendo da profundidade de atenção desprendida pelo observador.

⁶ HERNÁNDEZ, Fernando. *Cultura Visual, Mudança Educativa e Projeto de Trabalho*. Porto Alegre: Artes médicas, 2000.

O autor também ressalta uma diferença entre a comunicação através da língua e da imagem, deixando explícita a limitação do ato lingüístico comparado à inesgotável capacidade de expansão característica da imagem.

Não cabe aqui e nem é relevante ficar enaltecendo uma maior importância da imagem ou da linguagem escrita, por exemplo, pois elas cumprem papéis distintos ao mesmo tempo em que podem se complementar.

Sobre esse mesmo assunto, Gombrich afirma:

... poderemos começar a entender como a feitura de imagens nessas primeiras civilizações estava não só ligada à magia e religião, mas era também a primeira forma de escrita. [...] faremos bem em recordar uma vez por outra, que imagens e letras são, realmente, parentes consangüíneas. [...] há mais em comum entre a linguagem das palavras e a representação visual do que as vezes admitimos.(1986: p.317)

São afirmações que elucidam a real ligação entre a língua, a escrita e a imagem como parceiras no processo histórico da evolução humana.

Imagem então, é uma forma de representação que pode ser gráfica, plástica, fotográfica, real ou virtual, enfim, ela não pertence somente ao sistema de comunicação visual, pois existem tipos diferentes de imagens como as auditivas ou táteis.

É a partir dessa visão da abrangência do significado da palavra imagem, que se torna necessário restringir o foco da pesquisa, para as imagens que fazem parte do sistema visual, possibilitando assim um maior aprofundamento.

Em um estudo realizado por Ramalho e Oliveira⁷, o sistema visual é considerado como um conjunto de imagens criadas pelo ser humano, que são perceptíveis ao olhar e que são construídas em espaços bi ou tridimensionais. É o caso das imagens artísticas como a pintura, escultura, a arquitetura, a fotografia, a gravura. E das imagens estéticas não-artísticas, como o artesanato, o desenho industrial ou de qualquer outro objeto que cumpra função estética.

A razão de fazer a opção por somente um sistema imagético, o imagético, é essencialmente pelo conhecimento da complexidade e amplitude que seria necessária ao

⁷ OLIVEIRA, Sandra R. R. e. *Leitura de Imagens para a Educação*. São Paulo: Tese de Doutorado na PUC, 1998.

estudo. A escolha do sistema imagético visual bidimensional é justificada pelo fato de englobar as imagens estéticas e artísticas e de serem elas, o mais importante objeto de estudo dentro do ensino da arte.

Existe uma variedade de imagens distintas, e cada tipo ou sistema de imagens possui uma codificação específica, que necessita ser estudada e desmitificada para que seja possível uma compreensão dos significados implícitos.

Enquanto outras disciplinas podem desenvolver o ensino pela imagem, o ensino da arte se sobressai pelo fato de poder ensinar a imagem. Ela passa de instrumento a conteúdo, ou seja, em algumas disciplinas, a imagem pode ilustrar o conteúdo, enquanto que nas aulas de arte, o “objeto” de estudo é a própria imagem.

3. Imagem e Cultura

Se a imagem foi uma das primeiras formas de comunicação entre os primitivos, pela ausência de uma linguagem verbal estruturada, a cultura, por sua vez, é constituída por vários sistemas de símbolos que articulam significados e que poderão ser transmitidos não biologicamente, mas através da comunicação, transcendendo as fronteiras do tempo e formando uma consciência coletiva.

Todo o comportamento dos indivíduos dentro de uma sociedade é justificado pela sua cultura. A *cultura*, então, é composta por aqueles comportamentos que diferem os grupos, as sociedades e as civilizações.

É muito difícil definir cultura, conforme apresenta-nos Laraia, “... *uma compreensão exata do conceito de cultura significa a compreensão da própria natureza humana, tema perene da incansável reflexão humana*”.(1997: p.65)

Tentar conceituar cultura seria então, presumir o encerramento dessa constante reflexão que envolve o tema. Laraia também afirma que o homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquiridos pelas numerosas gerações que o antecederam.

Esse processo acumulativo⁸, é que deve ser desenvolvido através da preservação e da valorização dos bens culturais locais, pois em nossos dias cresce uma supervalorização da cultura alheia gerando, em contrapartida, uma depreciação da mesma, podendo resultar numa opressão da identidade cultural local.

E retomando o enfoque sobre a comunicação anteriormente apresentada nesse trabalho, Laraia ainda faz uma relação entre a comunicação e a cultura, afirmando que “*a comunicação é um processo cultural. Mais explicitamente, a linguagem humana é um produto da cultura, mas não existiria cultura se o homem não tivesse a possibilidade de desenvolver um sistema articulado de comunicação oral*”.

(1997: p.53)

Embora o autor esteja destacando especialmente a comunicação oral, verifica-se a interdependência entre cultura e comunicação, o que faz com que o estudo sobre a imagem, que é um dos mais importantes modos atuais de comunicação, e a cultura, que é a essência de cada uma dessas dimensões da linguagem verbal - oral e escrita – faz com que ambas se tornem também interdependentes.

Ao acumular conhecimentos, o ser humano necessitava criar formas de linguagem que garantissem a comunicação, bem como a sua perpetuação por outras gerações. Então criou códigos compostos de signos, que organizados, transmitem mensagens, possibilitando a comunicação entre as pessoas, as gerações e diferentes as culturas. Cada cultura desenvolveu seus próprios códigos de comunicação, e a imagem como também é comunicação, necessita de estudos para o entendimento dos seus códigos específicos a cada cultura.

Em sua pesquisa sobre Cultura Visual, Hernández identifica cultura como um sistema organizado de significados e símbolos que guiam o comportamento humano, permitindo-nos definir o mundo, expressar nossos sentimentos e formular juízos. Direcionando para a educação, também apresenta a sala de aula como um local de uma cultura própria, ou culturas, que define as *formas* do discurso nas situações de intercâmbio na aula, no qual o interesse e a paixão são virtudes fundamentais tanto para o ensino como para a aprendizagem.

⁸ No sentido da acumulação dos conhecimentos da diferentes culturas.

Nas pesquisas desse autor, observa-se uma preocupação em delinear novos objetivos para uma educação comprometida com a cultura e que repercuta em mudanças reais. Uma educação transformadora deve compreender que as imagens são mediadoras dos valores culturais e contém metáforas nascidas da necessidade social de construir significados. Uma das finalidades do ensino da arte em especial, é propiciar o reconhecimento dessas metáforas nas imagens, do seu valor em diferentes culturas e quem sabe até, possibilitar a produção, a criação de outras.

E para completar a conceituação, é preciso retomar o termo já apresentado como o conteúdo central a ser explorado na educação: a *interpretação*. A interpretação está presente em toda manifestação da linguagem, até porque, nada realmente possui sentido sem a interpretação. É ela que revela os significados.

Nesse sentido, segundo Hernández, interpretar significa prestar atenção às diferentes versões dos fenômenos. Questionando suas origens e as forças - os poderes - que criaram tais interpretações. Em sua concepção, o ensino da interpretação é a parte central de um currículo que segue esta proposta construtivista crítica⁹. Quando os alunos aprendem a interpretar de forma independente, autônoma, eles se protegem das interpretações *corretas* e únicas dos fenômenos que são inculcadas ideologicamente.

4. Uma Proposta Transcultural¹⁰ para a Interpretação de Imagens no Ensino da Arte

Ideologicamente, muitos fenômenos já vêm acompanhados de um significado pronto, que é dado como certo, o único, mas um dos grandes desafios que uma educação crítica propõe, é exatamente a autonomia de interpretação.

É aí que a semiótica torna-se útil para o ensino de arte nas escolas, enquanto que as imagens, consideradas dentro de seu *contexto cultural*, exclusivamente, exigem o conhecimento de todos os valores daquela sociedade específica para sua interpretação - e a significação é única, fechada e exclusiva. Uma leitura com base em princípios semióticos

⁹ Construtivista crítica –“a epistemologia do construtivismo crítico assume que a mente cria mais do que reflexo, e que a natureza dessa criação não pode ser separada do mundo social circundante. Partindo do construtivismo crítico, o conhecimento é concebido como produzido culturalmente, que leva, na educação, a estabelecer critérios que permitam avaliar a qualidade desse conhecimento”.(Hernández, 2000, p.106.)

¹⁰ Transita entre as culturas.

possibilita o acesso aos *efeitos de significação* de um modo aberto, não *amarrado* aos princípios culturais daquela sociedade. Até porque parece impossível conhecer todos os princípios e valores presentes em toda e qualquer sociedade, cujas imagens estão disponíveis a nós, na contemporaneidade globalizada.

É utópico ser resistente às modificações das sociedades contemporâneas, incluídas aí a miscigenação e a tentativa de dominação. Estes movimentos também são culturais. Faz-se necessária a consciência das fragilidades para poder se situar frente aos discursos dominadores e hegemônicos.

E a interpretação não-linear nem fixa das imagens, isto é, um modelo que possa permitir ao cidadão comum, independentemente do tempo e do espaço, ou seja, dos valores culturais situar-se frente ao acesso à significação das imagens é, antes de qualquer coisa, um processo de socialização do acesso aos bens culturais, concebidos na forma de imagens.

Essa definição de interpretação mostra como, para a formação de um sujeito crítico, a educação necessita trabalhar mais a interpretação como competência essencial e transdisciplinar¹¹.

Em sua pesquisa, Orlandi toma a interpretação como um gesto necessário que liga a língua e a história na produção de sentidos. Deixa claro que a ligação entre o que faz de um homem um ser simbólico e o homem como um ser histórico está na interpretação. Acrescenta que o sujeito é sujeito à interpretação e sujeito da interpretação. E conclui:

“... não há sentido sem interpretação, e a interpretação é um excelente observatório para se trabalhar a relação historicamente determinada do sujeito com os sentidos, em um processo em que intervém o imaginário e que se desenvolve em determinadas situações sociais”. (1998: p.147)

Em termos conceptuais, a interpretação apresenta inúmeras e diferentes definições, pois tudo depende do direcionamento que o pesquisador almeja. Ela pode ser relacionada às mais diferentes formas de linguagem e é por isso que se torna imprescindível o seu estudo nesse trabalho.

¹¹ Que deve ir além das disciplinas.

Em *Arte e Ilusão*, Gombrich afirma que não há realidade sem interpretação e que possuímos uma necessidade de organizar e interpretar as coisas, mas, que isso não significa que sejamos prisioneiros impotentes da nossa interpretação.

A interpretação pode vincular os processos verbal e visual. Ela deve ser considerada e explorada como um avanço relativo ao entendimento da *cultura visual*, isto é, das imagens que compõem cada cultura, juntamente com o conhecimento crítico dos seus possíveis significados. Essa compreensão crítica pode se dar através de uma análise estrutural da imagem. Ela transcende uma espécie de determinismo cultural.

Existe uma relação que deve ser estudada e interpretada, entre a cultura daqueles que fazem e daqueles que apreciam as imagens. A compreensão crítica do papel que as imagens possuem dentro de uma cultura, não deve restringir-se somente aos pesquisadores. A escola, através da interpretação, pode revelar aos alunos e, por conseqüência, às pessoas em geral, a função social, ideológica, de poder, de prazer. Enfim, pode proporcionar a autonomia da interpretação.

Um exemplo é o fato de termos demorado vários séculos para começar a questionar o *descobrimento do Brasil* enquanto que imagens como a *1ª Missa no Brasil* de Victor Meirelles já apontava claramente a *invasão* entre os índios. Enquanto a cruz e o celebrante recebem destaque, que situação é reservada aos índios?

O estímulo, o questionamento, o desafio, a provocação constante com relação às versões apresentadas e possíveis dos fatos, possibilitarão a participação mais efetiva dos indivíduos tanto socialmente quanto culturalmente.

Quando o homem tiver consciência e souber respeitar a diversidade das culturas, com certeza teremos, sem demagogia, um tempo de maior paz social, porque homens que não foram educados para interpretar de forma crítica têm visões desencontradas das coisas e talvez esta seja uma fonte de geração de conflitos, por isso, é necessária uma visão inter ou transcultural.

Os tempos atuais que se caracterizam pela proliferação das imagens, provoca uma necessidade ainda maior de análise crítica, como objetos sociais e culturais. Precisamos poder interpretar as imagens que povoam nosso cotidiano, nossa história, para podermos compreender melhor a realidade que nos cerca. Nas imagens da arte, temos a expressão de sentimentos humanos, mas não somente isso, pois a arte revela conceitos. Ela é a expressão

dos sentidos que cada espectador tem a possibilidade de vivenciar e contemplar. É nesse sentido que muitos artistas dizem que uma obra de arte nunca está pronta e que só se completa no momento que alguém a aprecia e lhe atribui o sentido particular.

Quando se *ensaia* uma análise estrutural da obra, dita leitura *semiótica*¹², ela propicia uma interpretação, em primeiro lugar, teoricamente aceita, pois se baseia no que está presente, efetivamente, na obra.

Assim, a interpretação é transcultural. Além disso, sendo baseada no concreto, a interpretação é mais fácil, pois está ali. Por exemplo: linhas sinuosas despertam efeitos de harmonia e movimento, enquanto que linhas quebradas, angulosas, passam efeitos de subida, de agressividade, de rupturas. Por este motivo, a semiótica visual, ao buscar transitar entre culturas, afirma que o importante não é o que o artista quis dizer, mas o que ele disse. Isto porque, num determinado contexto cultural, o vermelho pode ter querido dizer amor, mas em outro, é poder.

O papel da arte na educação contemporânea brasileira tem sido bastante estudado, e muitos avanços foram alcançados, no sentido de abandonar práticas que pouco contribuíram para a formação de indivíduos conhecedores e críticos com relação aos valores culturais que os envolvem. Mas muito ainda nos falta caminhar. Por exemplo, quanto a fundamentos teóricos e quanto a propostas metodológicas, pouca produção nacional tem sido devidamente elaborada ou divulgada.

Quanto maior a consciência das pessoas com relação à sua realidade particular, maior será o seu entendimento da realidade mundial, das diferenças e da sua possibilidade de atuação, de modificação, de contribuição na sociedade em que vivem.

Então, a finalidade do ensino de arte, voltada para a interpretação das imagens que compõem sua cultura e as demais culturas através dos tempos, é a de propiciar uma aprendizagem significativa, crítica e plural, como é a cultura, como são as imagens e como são as interpretações possíveis de cada imagem.

REFERÊNCIAS

¹² No sentido do conjunto de meios que tornam possível o acesso aos seus efeitos de sentido.

- CHILDE, V. Gordon. *A Evolução Cultural do Homem*. Traduzido por Waltensir Dutra. 3ª ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.
- DUARTE JÚNIOR, João-Francisco. *Fundamentos Estéticos da Educação*. 2ª ed. São Paulo: Papirus, 1988.
- ECO, Umberto. *Semiótica e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Ática, 1991.
- FOCAULT, Michel. *Vigiar e Punir; nascimento da prisão*. Traduzido por Raquel Ramalhete. 18ª ed. São Paulo: Vozes, 1987.
- _____. *As Palavras e as Coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Traduzido por Salma Tannus Muchail. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- GOMBRICH, E. H. *A História da Arte*. Traduzido por Álvaro Cabral. 4ª ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1985.
- _____. *Arte e Ilusão*. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1986.
- HERNÁNDEZ, Fernando. *Cultura Visual, Mudança Educativa e Projeto de Trabalho*. Traduzido por Jussara Haubert Rodrigues. Porto Alegre: Artes médicas, 2000.
- LARAIA, Roque de Barros. *Cultura. Um Conceito Antropológico*. 11ª ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1997.
- MANGEL, Alberto. *Lendo Imagens: uma história de amor e ódio*. Traduzido por Rubens Figueiredo, Rosaura Eichemberg, Claudia Stauch. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- NEIVA JÚNIOR, Eduardo. *A Imagem*. São Paulo: Ática, 1986.
- OLIVEIRA, Sandra R. R. e. *Leitura de Imagens para a Educação*. São Paulo: Tese de Doutorado na PUC, 1998.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *Interpretação; autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.
- SANTAELLA, Lucia; NÖTH, Winfried. *Imagem: cognição, semiótica, mídia*. 2ª ed. São Paulo: Iluminuras, 1999.
- _____. *Palavra, Imagem & Enigmas*. Revista USP. Dossiê Palavra, Imagem. nº 16. São Paulo: 1992-93.
- SANTOS, J. Ferreira dos. *O que é Pós-Moderno?* 19ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2000.
- SANTOS, José Luiz dos. *O que é Cultura?* 12ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- SCHAFER, Murray. *O ouvido pensante*. Tradução de Marisa Trench de ° Fonterrada et al. São Paulo: UNESP, 1991.